

A fundação de bibliotecas públicas em alagoas: reivindicações e denúncias da educadora maria mariá (1953-1954)¹

The foundation of public libraries in alagoas: claims and complaints of educadora maria mariá (1953-1954)

La fundación de bibliotecas públicas en alagoas: reclamaciones y quejas de la educadora maria mariá (1953-1954)

Recebido: 30/07/2020 | Revisado: 09/08/2020 | Aceito: 17/08/2020 | Publicado: 22/08/2020

Hebelyanne Pimentel da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8691-939X>

Universidade Federal de Alagoas, Brasil

E-mail: hebelyanne.silva@cedu.ufal.br

Resumo

Este texto dispõe resultados iniciais de uma pesquisa atenta a trajetória da professora, jornalista e ativista cultural Maria Mariá de Castros Sarmiento, atentando, sobretudo, a fundação da biblioteca pública de uma cidade do interior de Alagoas: União dos Palmares. O recorte temporal indicado, corresponde aos anos que datam as publicações que a mestra fizera sobre a temática indicada, especificamente no Jornal de Alagoas (1953-1954). Considera-se as orientações da Nova História, desde a escolha do objeto até a seleção e utilização das fontes. Sendo estas últimas os jornais, por longa data invisibilizados na historiografia. Dadas as especificidades, é analisada a interferência da fundação de bibliotecas no processo de formação de leitores, em período marcado pela tentativa de redemocratização do Brasil recém liberto da ditadura do Estado Novo. As reivindicações por implantação de tais instituições, têm início nos anos de 1930, com o protagonismo de *Amanda Álvaro Alberto* e *Cecília Meireles*, por interferência da concepção educacional pragmatista defendida pela Escola Nova, e se reinventa a luz de outras interferências filosófico-pedagógicas nascidas na década de 1950. A educadora que inspira este estudo, coloca-se como personagem que, diante da peculiar inquietude intelectual, fora esquecida pela historiografia tradicional.

Palavras-chave: Bibliotecas públicas alagoanas; Formação de leitores; Maria Mariá.

¹ A primeira versão desse texto será publicada em anais do XII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (XII COLUBHE). A produção aqui sugerida, corresponde a uma versão mais detalhada do estudo, com acréscimo de informações e aprofundamento conceitual.

Abstract

This text presents the initial results of a research attentive to the trajectory of the teacher, journalist and cultural activist Maria Mariá de Castro Sarmiento, focusing, above all, on the foundation of the public library of a city in the interior of Alagoas: União dos Palmares. The indicated time frame corresponds to the years that date the publications that the master had made on the theme indicated, specifically in the *Jornal de Alagoas* (1953-1954). New History guidelines are considered, from the choice of object to the selection and use of sources. The latter being newspapers, for a long time invisible in historiography. Given the specificities, the interference of the foundation of libraries in the process of training readers is analyzed in the period marked by the attempt to redemocratize Brazil recently freed from the dictatorship of the *Estado Novo*. The claims for the implantation of such institutions began in the 1930s, with the participation of Amanda Álvaro Alberto and Cecília Meireles, due to the interference of the pragmatic educational conception defended by *Escola Nova*, and the light of other philosophical-pedagogical interferences born in the 1950s is reinvented. The educator who inspires this study, places herself as a character who, in the face of the peculiar intellectual anxiety, had been forgotten by traditional historiography.

Keywords: Alagoas public libraries; Training of readers; Maria Mariá.

Resumen

Este texto tiene los resultados iniciales de una investigación atenta a la trayectoria de la profesora, periodista y activista cultural Maria Mariá de Castro Sarmiento, centrándose, sobre todo, en la fundación de la biblioteca pública de una ciudad del interior de Alagoas: União dos Palmares. El plazo indicado corresponde a los años que datan las publicaciones que la maestra había hecho sobre el tema indicado, específicamente en el *Jornal de Alagoas* (1953-1954). Se consideran nuevas pautas de Historia, desde la elección del objeto hasta la selección y uso de las fuentes. Estos últimos son periódicos, durante mucho tiempo invisibles en historiografía. Dadas las especificidades, la interferencia de la fundación de la biblioteca en el proceso de capacitación de lectores se analiza en el período marcado por el intento de redemocratización del Brasil recientemente liberado de la dictadura del *Estado Novo*. Los reclamos para la implantación de tales instituciones comenzaron en la década de 1930, con la participación de Amanda Álvaro Alberto y Cecília Meireles, debido a la interferencia del concepto educativo pragmático defendido por la *Escola Nova*, y a la luz de otras interferencias filosófico-pedagógicas nacidas en el Década de 1950. La educadora que inspira

este estudio se sitúa como un personaje que, ante la peculiar ansiedad intelectual, habpi sido olvidado por la historiografía tradicional.

Palabras clave: Bibliotecas públicas alagoanas; Formación de lectores; Maria Mariá.

1. Introdução

Talvez os livros sejam mesmo como pérolas. São partes do pouco deixado pela peculiaridade de contatos intranquilos, com estímulos estra(nho)s. São artes. Das melhores faces de singularidades existentes em outros de nós. (Trans)formam. (Hebelyanne Pimentel da Silva).

Os rumores dos anos de 1950 pareciam trazer à tona problemas comuns na *Primeira República*, com esperançosos ideais de formação escolar e a reformulação da educação brasileira (Saviani, 2013). Como período de busca por redemocratização do país, após o *Estado Novo*², sob os governos sucessivos de *Getúlio Vargas (1950-1954*³), *Café Filho (1954-1955)* e *Juscelino Kubitschek (1956-1959)*, houve oscilação entre avanços e retrocesso (Fausto, 2013).

Parte dos movimentos sociais e de educadores continuavam a defender a escola laica, coeducativa e acessível às camadas sociais subalternas, como iniciativas que favoreceriam o progresso nacional (Martins, 2014; Saviani, 2013). *Anísio Teixeira*, membro do movimento escolanovista e popularizador das ideias filosóficas de *John Dewey* no Brasil, exercia o cargo de diretor do *Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP)* (Saviani, 2013), e, com o seu apoio, era mantida a propagação do pensamento educacional pragmatista⁴, utilizando como recursos revistas como é o caso de *Anhembi*, e jornais espalhados por todo o país (*Ibid*).

Com estes últimos, foi possível construir visão panorâmica de projetos voltados à popularização de possibilidades formativas, entre as quais destacamos a fundação de bibliotecas públicas, que contou com a atuação de *Cecília Meireles* e *Armanda Álvaro Alberto*, assinantes do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (Martins, 2014, p. 230). A primeira foi precursora na fundação da Biblioteca Pública Infantil *Pavilhão Mourisco (1934)*

² Este foi um período do governo Getulista, marcado pelo autoritarismo estatal. Um dos instrumentos que revela o posicionamento do presidente, é a constituição nacional *outorgada* (Fausto, 2013). No ano posterior ao *Estado Novo*, uma conquista feminina que se destaca, é o direito ao voto (*Ibid*).

³ Ano no qual *Getúlio Vargas* comete suicídio.

⁴ Concepção filosófica defendida pela Escola Nova (Saviani, 2013).

e a segunda na implantação da primeira biblioteca escolar da cidade carioca, *Duque de Caxias (1921) (Ibid)*.

As informações levantadas nesta pesquisa, sugerem que o projeto em destaque é decorrente de iniciativas femininas em diferentes localidades do Brasil e da América Latina⁵. Destacamos a atuação da professora palmarina *Maria Mariá*, por acreditarmos que esta auxilia a visualização local e estadual, deste que foi um fenômeno de dimensão continental.

Falando de Alagoas em Alagoas, as críticas, anúncios e crônicas da mestra, apresentam riqueza de detalhes. Provavelmente inspiradas em leituras feitas corriqueiramente. A escrita remete, em muitos momentos, a *Tolstoi* em *Guerra e Paz*, autor identificado em seu acervo doméstico. Este mostrara que em todos os fatos existem verdades que somente podem ser compreendidas quando há menção a todos os envolvidos (Tolstói, 1974). É também na citada concepção metodológica, que fundamentamos o presente estudo de caráter documental e de natureza qualitativa. Do contato com as fontes à produção escrita, atentamos aos indícios (Ginzburg, 1989). Como recordara Ginzburg (2007, p. 265), ao discorrer sobre a perspectiva micro histórica que adotara, “[...] as hipóteses, as dúvidas, as incertezas tornavam-se parte da narração; a busca da verdade tornava-se parte da exposição da verdade obtida” (Ginzburg, 2007, p. 265). Lançando mão de tais fundamentos, buscamos traçar o caminho investigativo.

Argumentamos que a capacidade de “organizar-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes” (Sirinelli, 2003, p. 248), com demais representantes da *Intelligentsia* épica, tornam a docente, na ótica de análise inspiradora desta pesquisa, uma intelectual. Raras foram as alagoanas, oriundas do interior do estado, que tiveram a oportunidade de ocupar a imprensa com a liberdade que ela preservou a duras penas.

Após consultas realizadas em acervos locais e na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*, foram identificados documentos que favoreceram a formulação da seguinte indagação: *Como a implantação de Bibliotecas Públicas, no interior de Alagoas, buscou interferir na formação de leitores, de tal localidade, após a ditadura do Estado Novo, e de que maneira Maria Mariá esteve envolvida neste projeto?* Dado o problema, nesta pesquisa constitui-se nossa principal fonte, o periódico *Jornal de Alagoas* por sua consolidação como

⁵ Uma figura feminina, hispânica, que esteve envolvida neste projeto, foi *Gabriela Mistral*. Além de prêmio Nobel de Literatura, ela foi atuante em alguns projetos educacionais brasileiros, mexicanos e chilenos. Segundo Ferreira (2014, p. 118), ao defender a implantação de uma biblioteca no liceu feminino do Chile, a professora afirmara ter como propósito: “[...] formar el gusto por la lectura, a fin de que la alumna amplíe primero y continúe después por sí misma la obra de su cultura”. Em parceria com o ministro da educação do México, afirmava acreditar que a fundação de bibliotecas favoreceria a formação de cidadãos críticos (*Ibid*).

meio de comunicação e lugar de socialização de ideias. Característica que o torna rico instrumento para estudos historiográficos.

A escolha do jornal enquanto fonte, identifica a produção como parte da *História Cultural* (Pesavento, 2014; Luca, 2008), sobretudo por falar de uma personagem por tempo invisibilizada e por ancorar-se na ideia de que é preciso considerar a multiplicidade de documentos existentes para conhecer sujeitos e histórias marginais, como é o caso das mulheres professoras, cujas ações e trajetórias, muitas vezes, foram relegadas ao esquecimento (Nicolete & Almeida, 2017). Deste modo, a escrita é inspirada, sobretudo, por informações presentes em três publicações jornalísticas da docente: *Um Velho Tema: Basiliano Sarmiento* (Sarmiento, 1953b), *Herança de Primo Pobre* (Sarmiento, 1954) e *Jorge de Lima, um velho tema* (Sarmiento, 1954), porque ao tratarem da implantação da Biblioteca de uma cidade interiorana, possibilitam a percepção de como isso se deu em Alagoas. Ao tempo que indiciam a interferência social e educacional de *Maria Mariá*.

Considerando os objetivos mencionados, o texto encontra-se organizado em três momentos. Inicialmente discutimos a implantação de bibliotecas no país e a atuação feminina. Posteriormente dialogamos sobre a implantação de Bibliotecas Públicas no interior de Alagoas, destacando a atuação de *Mariá*. E, por fim, identificamos o que o projeto revela acerca da *formação de leitores*.

2. Bibliotecas Públicas e Projetos Educacionais: O feminino

No periódico carioca *Diário de Notícias*, de 20 de agosto de 1950, eram evidenciadas as consequências da crise econômica enfrentada pelo país, quando o redator *Raul Lima* anunciava a prioridade dada, pela população, as necessidades imediatas:

Li, como faço toda semana, no Suplemento Literário do <<Diário de Notícias>>, a sua bem elaborada seção, - Movimento Literário. O título <<Livrarias que se fecham>> poderia bem ser substituído por: <<Pessoas que deixam de ler>>. Acredito que <<esmagadas pelos impostos, alugues caros, gravames de todo gênero>>, fecham-se as livrarias (Lima, 1950).

Diante das condições, os livros não eram prioritários. Antes deles estavam os impostos, a alimentação, a manutenção do mínimo para a sobrevivência. O objeto era sinônimo de privilégio. Como justificado, na mesma redação, temia-se a extinção de livrarias: “o número

dos que gostam de ler e podem comprar é limitadíssimo! Os livros, concorde, são caríssimos” (*Ibid*).

A escassez de leitores denunciava, também, a condição educacional. Os poucos brasileiros letrados, eram membros de classes abastadas. Provavelmente pelo seletivo sistema educacional vigente. Isso torna-se claro quando associamos as livrarias às escolas. Estas últimas ainda eram frequentadas por limitado número de sujeitos, e a eles era ofertada formação para o mercado de trabalho. Percebe-se o caráter utilitário da instituição, no discurso que *Juscelino Kubitschek* proferira em 1957:

[...] a evolução das necessidades sociais não foi acompanhada da evolução do sistema escolar. A educação primária é considerada uma ampliação da capacidade normal das pessoas verem e sentirem as coisas. Limita-se, praticamente, aos rudimentos da escrita, da leitura e do cálculo. **Urge, portanto, que o ensino primário eduque também para o trabalho**, transmitindo o que o indivíduo precisa aprender **para cobrir as necessidades do trabalho em sua variada forma**, atendendo, assim, à real integração na economia e na sociedade modernas (Brasil, 1987, p. 265, grifo meu).

Este era também o ideário do manifesto de 1932⁶. Em sociedade que visava progresso, a instrução escolar parecia valioso ponto de partida. Sobretudo, aquela que mantinha acorrentados, em técnicas, pensamentos. Os resultados, em números, seguiam insatisfatórios: “[...] em média, de cada 100 alunos que se matriculam na 1ª série, apenas 16 atingem a quarta série” (*Ibid*, p. 264). E entre os poucos concluintes, escasso era o quantitativo de leitores.

Diante das condições, em matérias de 12 de fevereiro de 1950, alguns jornais mencionavam a existência de bibliotecas que tendiam a colaborar com a formação na capital do país: *Biblioteca Nacional*, *Biblioteca do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional*, *Biblioteca do Instituto Nacional do Livro* e *Biblioteca do Conselho Nacional de Geografia*. Estas, segundo redações, ainda recebiam, anualmente, um número pequeno de visitantes. Fenômeno que pode ser justificado, a partir de elementos apresentados, ainda, no discurso de *Raul Lima*⁷: “[...] depois de um dia de trabalho sofrendo o horror da condução em bondes e trens superlotados, - quem pensa em descer à cidade em busca de uma ou duas horas de leitura, não será um ser normal, é um maluco!” (Lima, 20 ago. 1950). Como aparente, os

⁶ Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (Saviani, 2013).

⁷ A seção era denominada: *Tem a Palavra o Leitor*. Recebia tal título, por encontrar-se aberta a depoimentos de pessoas comuns que decidiam expor ideias.

estabelecimentos eram poucos para atendimento de toda a cidade, mas muitos para a quantidade dos que buscavam a leitura, diante das condições limitantes de sobrevivência⁸.

Teoricamente, com o INEP, também houve investimento em Bibliotecas Escolares de cursos normais e de instituições destinadas a educação primária. Estas, segundo documentos analisados, mantinham rico acervo em “livros, revistas e material de uso didático” (Brasil, 1987, p. 284), correspondendo a uma distribuição total de 86.402 obras, apenas em 1956 (*Ibid*). A formação escolar e extraescolar, pareciam a cada momento mais recorrentes nos escritos e contextos épicos, como forma de reivindicação.

Os textos de *Amanda Avaro Alberto*, publicados nos periódicos cariocas dos idos de 1930, revelam a tentativa de aproximação entre o modelo educacional brasileiro e o estadunidense. Provavelmente inspiração decorrente da propagação de ideias pedagógicas de *John Dewey*, trazidas ao país por intermédio de *Anísio Teixeira* (Saviani, 2013). O filósofo acreditava na formação por meio de experiências. Do contato com o empírico (*Ibid*). Contrapondo-se aos modelos pedagógicos tradicionais. É possível afirmar que as bibliotecas nascem desta contraposição. Mas não se limitam a ela.

Amanda também falara a partir das reflexões da autora Norte Americana *Miss Luciene Fargo*, ao elencar os objetivos do projeto:

[...] **enriquecer o currículo escolar** com informações complementares, **instruir as crianças** no uso dos livros e das bibliotecas como instrumentos de trabalho, **treinar as crianças em atividades sociais** (clubes de leitura e dramatização, autocontrole dos alunos etc.) e, sobretudo, **ensinar a ler por prazer**, como um hábito para toda a vida (Mignot, 2010, p. 133-134, grifo meu).

Em tais termos, salientava: “[...] tanto na biblioteca pública, quanto nas escolares, o que se deseja organizar é ‘alguma coisa inteiramente nova’” (Mignot, 2010, p. 134). Segundo ela, nova a ponto de colaborar com o processo de superação dos índices de evasão escolar e de analfabetismo, até então alarmantes.

Como exposto por *Cecília Meireles*, em matéria enviada ao *Diário de Notícias* de 2 de setembro de 1930, entre as pretensões da escola moderna, estava o desejo de “[...] restituir à criatura humana as suas primitivas qualidades de animo livre, de intelligencia franca, de sentimento justo e de vontade equilibradora” (Meireles, 1930). Nessa perspectiva, o domínio do conhecimento letrado possibilitaria a democratização social.

⁸ Cabe ressaltar que a condição descrita não é distinta em 2020, entre membros da classe popular, sobretudo com o advento da pandemia. O momento apresenta-se como marco da explícita visibilização das desigualdades de classe, gênero e etnia.

Talvez o conhecimento tenha sido o instrumento mais utilizado pelas mestras, na busca por conquista ao espaço público, por tal razão, “[...] estiveram à frente das campanhas contra o analfabetismo e da Associação Brasileira de Educação (ABE)” (Martins, 2014, p. 230), e acreditaram na “[...] educação como forma de elevação individual e social” (*Ibid*). As mulheres, assinantes do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, assim como demais jornalistas, professoras e literatas, traçaram um caminho de palavras que inspirou gerações posteriores.

3. Bibliotecas no interior de Alagoas em fragmentos jornalísticos de Maria Mariá

Em Alagoas, foi por meio da crença no poder da formação, que *Maria Mariá* redigiu reivindicações em periódicos. As publicações da mestra, apenas no *Jornal de Alagoas*, contam 57 títulos⁹, espalhados por toda a década de 1950, abordando, entre outros temas: a condição econômica da cidade natal, a conjuntura política do estado, a precariedade das escolas públicas interioranas, as péssimas condições formativas da classe popular e a função do ambiente letrado no processo de formação.

Nesta década, ela já havia consolidado carreira, tanto na docência, quanto no jornalismo. A fundação de bibliotecas, foi mais uma das suas tantas reivindicações. Provavelmente pela relevância da escrita na constituição da sua trajetória intelectual.

Em meados de 1930, o projeto já recebia, na província alagoana, o apoio do governador *Eustáquio Gomes de Melo*. Este fundara a primeira *Biblioteca Pública maceioense*, durante os anos finais da primeira república. A ele os elogios foram publicados nos vários periódicos do estado. Para redatores do jornal *Alagoas: Mensário Ilustrado*, ele era um “administrador inteligente e digno” (Alagoas..., ago. 1938), por favorecer o desenvolvimento da cultura local. Apenas nos primeiros meses de funcionamento, a instituição mencionada, registrou “frequência diária, em média, de 55 pessoas” (*Ibid*). Porém, o espaço manteve-se, por longa data, como privilégio de moradores da capital.

⁹ Informação obtida após dois anos de garimpagem, análise e catalogação de todos os textos publicados em tal periódico, no decorrer da década mencionada, sob inspiração e orientação dados pelo grupo de estudos *Graciliano Ramos* (Organização sem financiamento ou vínculo institucional, iniciada pelo prof. dr. *Wilson Correia Sampaio*), por professores historiadores do *Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte (ICHICA)* da *Universidade Federal de Alagoas (UFAL)* e por professores pesquisadores do Centro de Educação da *Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*.

Alagoas encontrava-se em precário estado. E os problemas tornavam limitado o destino dos que permaneciam na região. Como afirmado por *Mariá*: “Aqui dentro do país, Alagoas não é mais que u’a minúscula parte da Federação que dá o saboroso sururu e as famosas “peixaradas” (Sarmiento, 1956). A província era: “Tradição e nada mais” (*Ibid*).

Os fatos tornavam comum a imigração de literatos conterrâneos para o Rio de Janeiro, no auge de suas carreiras: *Rosália Sandoval*, *Graciliano Ramos*, *Jorge de Lima*. Como afirmara matéria do periódico *Alagoas: Mensério Ilustrado*: “emigração, forçada pela pobreza do meio” (Alagoas..., ago. 1938). Suas produções pouco foram reconhecidas, enquanto residiram no Nordeste. Mesmo enfatizando o autor de *Linhas Tortas*, em 10 de março de 1935, ser o trabalho literário, nesta região, “mais intenso que em qualquer outra parte do Brasil” (Ramos, 1935c/2013, p. 139). Indubitavelmente, do Nordeste saiam admiráveis publicações. Porém, pouco se fazia pelo crescimento do número de escritores e leitores.

Diante deste lugar de fala, *Mariá* idealizou e fundou a primeira Biblioteca Pública da Cidade de *União dos Palmares*. Sobre isso, escreveu para o *Jornal de Alagoas*, em matéria publicada em 23 de maio de 1954:

A fundação da **Biblioteca Pública “Jorge de Lima”** foi um dos maiores benefícios que União dos Palmares recebeu da municipalidade em 1953¹⁰. Seu mobiliário moderno e confortável, nada fica a dever em relação a seus similares das grandes Bibliotecas¹¹. Lançamos a Campanha do Livro que imediatamente se espalhou por todo o território alagoano. Também nos dirigimos ao Instituto Nacional do Livro o qual atendeu prontamente ao nosso apelo (Sarmiento, 1954, grifo meu).

Mesmo reconhecida como berço de parte da história brasileira, por abrigar o mais famoso quilombo, União dos Palmares manteve, por todo o século XX, um histórico de marginalidade, assim como todos os demais municípios do interior de Alagoas¹². Os motivos levavam a tardia efetivação de projetos nacionais. Com a construção de bibliotecas não aconteceu de maneira distinta. Do acervo aos moveis, tudo foi arrecadado a partir de campanhas. Assim como *Meireles* e *Amanda*, *Mariá* também parece ter investido recursos, próprios e doados, na concretização de um ideal de sociedade e de formação (Sarmiento,

¹⁰ O ano de fundação da *Biblioteca Jorge de Lima*, coincide com o período de morte do poeta.

¹¹ Após visita e análise à instituição, percebi que atualmente a Biblioteca permanece com a mesma mobília e acervo do ano de fundação, estrutura imprópria à formação dos estudantes da atualidade. Todavia, ainda se coloca como único ambiente de consulta à produção intelectual nacional e internacional, na cidade interiorana. Dela servem-se, sobretudo, as crianças e adolescentes matriculados nas escolas públicas do município.

¹² Ao que se percebe após análise aos textos publicados em jornais do estado, durante o supracitado período.

1954). O que faz alusão ao descaso de entidades governamentais e a transformação da docência em um trabalho missionário.

Não se restringindo a Alagoas, o projeto possibilitou intercâmbio da professora, com território europeu, revelando a sua influência nacional e internacional nos debates políticos e educacionais. Ao referir-se a Portugal, revelara indícios da parceria estabelecida com membros de tal pátria. Segundo a mestra, o citado país era “[...] **o maior e melhor amigo do Brasil**” (Sarmiento, 1954, grifo meu), anunciando vir de lá, obras essenciais de “literatura das duas grandes **Pátrias irmãs**” (*Ibid*). Na mesma publicação jornalística, a professora reclamou a ausência de comprometimento do povo alagoano com o projeto. Segundo ela, de 600 solicitações distribuídas a todo o estado, apenas 25 obras foram arrecadadas.

No *Jornal de Alagoas*, muitos eram os redatores que, influenciados ou não por ela, mantinham defesa a fundação de bibliotecas municipais. A exemplo, temos *Antonio Sapucaia* que da cidade de *Pilar* afirmara ser “[...] imprescindível a vida de uma Biblioteca em cada cidade, contribuindo na formação moral e intelectual de seus habitantes” (Sapucaia, 1954). Para o jornalista, esta seria uma arma poderosa no combate ao “vício, a ignorância, não permitindo, dessa maneira, sua medrança” (*Ibid*).

Entre os conterrâneos que trataram com descaso o projeto, esteve, segundo a professora, o poeta que deu nome à instituição. *Jorge de Lima* manteve-se ausente em todo o processo de construção da biblioteca. O comportamento deste era definido por ela como contraditório, por derivar de um escritor que transitava entre político e literário, erudito e popular, místico e racional, denunciando a escravização feita ao negro, a mulher e ao trabalhador, no decorrer da história, grifando os problemas conjunturas vigentes em relações hierárquicas, como pode ser percebido em versos de *Mulher Proletária*: “**Mulher proletária** — única fábrica/que o operário tem, (**fabrica filhos**)/tu/na tua superprodução de **máquina humana**/forneces anjos para o Senhor Jesus,/forneces **braços para o senhor burguês**” (Lima, 2016, p. 154, grifo meu). Discurso incoerente quando comparado a prática. Segundo a docente, ele nada buscou fazer pela superação de problemas emergentes na cidade natal que, por vezes, continuava a propagar marginalidade, ao desfavorecer as condições de acesso ao conhecimento historicamente valorizado.

Influenciada por ideias educacionais da época, a mestra parecia acreditar que a formação escolar e extraescolar, solucionaria os problemas sociais. O que parecia ingênuo, diante das limitações da escola, mas importante passo, quando observado macroscopicamente. A formação disponibilizada em espaços extraescolares, apresentava-se como estimulante à autonomia. Foi dela que se serviram muitos dos deserdados que chegaram a ocupar, a duras

penas, o espaço público. As críticas de *Mariá* ao poeta mencionado, aparecem em vários dos seus escritos. Uma delas foi comentada pelo repórter *Sr. Luiz Gutemberg*¹³, no *Jornal Gazeta de Alagoas* de 12 de junho de 1955¹⁴:

Quem duvidar que vá a União dos Palmares. Lá, verá se é verdade ou não a triste notícia que com pesar anuncio: Jorge de Lima, o poeta querido de “Essa Nega Fulô” não é tão querido como se pensa na sua terra de origem. É o caso da vitória do pregão popular: **santo de casa não faz milagre**. Pois não faz mesmo não. Idolatrado nos recantos mais longínquos do Brasil, foi político no Rio de Janeiro, querido pela sua poesia até na doce e iluminada Paris, **Jorge de Lima não tem a simpatia da sua gente, da cidade privilegiada que o viu nascer numa pálida e inesquecível manhã de 1888** (Gutemberg, 1955, grifo meu).

O jornalista referia-se indiretamente a professora, sem citar nomes, apresentando grau de distanciamento e ironia. A isto ela respondeu, contundentemente: “[...] não há, em nosso meio, animosidade reinante contra o ilustre palmarino, dr. Jorge de Lima. O que se nota é uma falta de entusiasmo nosso, em ter sido esta cidade, berço natal do grande vate” (Sarmiento, 1955). Provavelmente pelos motivos já apontados em publicação anterior:

Nosso eminente conterrâneo, cuja fama transpôs as fronteiras da pátria, foi uma personalidade que certamente marcará nova época na vida literária do Brasil. Não desconhecemos seus méritos como poeta, médico, escritor, pintor e tantas coisas mais. Porém **em seu cérebro privilegiado talvez por causa dessa profusão de conhecimentos, jamais sobrou lugar para um pensamento dedicado à sua terra natal**. Em sua vida tanto se lhe dava que União dos Palmares levasse ou não à breca (Sarmiento, 1954, grifo meu).

As atitudes do poeta eram incômodas a professora e a outros conterrâneos. Na escrita e comentários, percebe-se não apenas a impressão que ela tinha das ações do *vate*, mas, sobretudo, de membros da intelectualidade. Estes precisavam estar engajados na solução dos problemas do povo. Crítica semelhante já havia sido feita por *Graciliano Ramos*, em 17 de fevereiro de 1935:

Nos algodoais e nos canaviais no Nordeste, nas plantações de cacau e de café, nas cidadezinhas decadentes do interior, nas fábricas, nas casas de cômodos, nos prostíbulos, há milhões de criaturas que andam aperreadas. O sr. **Jorge de Lima** e

¹³ O nome do periodista faz recordar o autor da prensa tipográfica: *Johannes Gutenberg* (Chartier, 1998).

¹⁴ Matéria intitulada: *União dos Palmares e o Poeta Jorge de Lima*. Com acréscimo de epígrafe que menciona os conteúdos dos textos que *Mariá* dedicara ao poeta, em datas anteriores: “Uma desagradável curiosidade: a gente palmarina não se dá muito bem com a glória universal de Jorge de Lima – **A velha intriga – A história do Busto – Os livros velhos – Bilhete**” (grifo meu).

Henrique Pongetti pensam de outra forma: o primeiro gosta da lama do sururu e da maleita; o segundo afirma que um agricultor se deita na rede, joga um punhado de sementes por cima da varanda e tem safra. Mas **Jorge de Lima nunca apanhou sururu e conhece remédio para a maleita**, que é médico. E o sr. Pogetti, se arrastasse a enxada no eito, de sol a sol, saberia que aquilo pesa e a terra é dura. Dizer que a nossa gente não tem vontade de trabalhar é brincadeira (Ramos, 1935b/2005, p. 128, grifo meu).

Mas a condição econômica e socialmente prestigiada do autor de *Essa Nega Fulô*, invisibilizava as contradições. O seu nome foi escolhido, sem ressalvas, para patrono da biblioteca. A professora manteve-se a sombra da figura masculina a quem, pelo que parece alertar o texto de *Gutenberg* (1955), deveria ser grata pela origem comum.

4. Notas sobre formação de leitores: um projeto extraescolar

A capacidade de argumentação e crítica, não permitiam o posto de submissão. A autonomia intelectual percebida na escrita e atuação das professoras que ocuparam a imprensa, revela o poder da formação em trajetórias femininas. Os livros foram instrumentos importantes de negação ao rebaixamento sofrido pelo gênero. De reação ao estigma. Sobretudo no contexto dos anos de 1950, de um Brasil marcado pela escassez de leitores: “[...] em geral, mesmo os que sabem ler, leem pouquíssimo” (Mignot, 2010, p. 134), como afirmara *Amanda Álvaro Alberto*. Desde as leituras que evidenciavam problemas sociais, como é o caso de *Vidas Secas* (Ramos, 2008), até aquelas que diziam, ironicamente, da intimidade dos dias humanos, como *Guerra e Paz* (Tolstói, 1974), tudo colaborava com a construção do autodidatismo. Do olhar sensível ao inevidente.

O contato com a literatura, representava - principalmente para a mulher, o negro e o pobre - uma contraposição ao que era social, econômica e culturalmente estabelecido. Formar leitores, era o mesmo que formar pensantes, “**apesar do cinema, do rádio e dos métodos de laboratório empregados pela escola moderna**” (Mignot, 2010, p. 134, grifo meu). Era contrapor estruturas.

As livrarias pareciam uma maneira de tornar menos marginal o Brasil, sobretudo, o Nordeste. Lugar dos tantos *Favianos*, que *Graciliano* já afirmara portar “[...] língua bronca, incerta, de vocabulário minguado” (Ramos, 1934/2013, p. 136). Para estes, o futuro era a reprodução do presente. Com seu “[...] dialeto horrível para a linguagem escrita” (*Ibid*), o nordestino pobre, era condenado ao trabalho braçal. E a escola, com isto, parecia colaborar. Nacionalmente, mantinham-se as mesmas condições da *Primeira República*.

[...] de 1900 a 1950, o índice de analfabetos - na população brasileira de mais de 15 anos de idade - caiu, apenas, de 65 para 51%. Como a taxa de incremento demográfico é muito superior ao índice de ampliação e aprimoramento da rede escolar, o que se verificou foi, em números absolutos, um aumento de analfabetos: de 6 milhões de 1900 passaram a 16 milhões em 1950 (Brasil, 1987, p. 309).

Os dados quantitativos são melhor exemplificados quando comparados a descrição que *Mariá* fizera do estado físico das escolas do interior de Alagoas: “[...] moveis, inclusive birôs, estrados e cadeiras, tudo, tudo, o tempo levou. Em suas paredes nuas, não se vê uma carta geográfica, um mapa-mundi ao menos” (Sarmiento, 1953a). Os mesmos problemas que *Graciliano Ramos* denunciara em 1932, ao referir-se a *Palmeira dos Índios* “[...] salas acanhadas, palmatória, mobília de caixões, santos nas paredes, em vez de mapas” (Ramos, 1935a/2013, p.143). O sistema educacional, visivelmente, pouco evoluiu em 20 anos. Seja em recursos físicos, seja em qualidade formativa. Muitos eram os condenados ao lugar de *Severinos* e *Marias*. Os livros, como dito por *Amanda*, eram decididamente: “[...] o melhor instrumento de cultura, por cuja difusão vale bem a Penna trabalhar” (Mignot, 2010, p. 134). Ora para domesticar a linguagem matuta, outrora para libertar pensamentos. Fossem eles literários ou científicos, mostravam-se abrigo de histórias e críticas, realidades e fantasias. Em si, formaram muitos dos escritores épicos. Eternizaram pessoas que tendiam a ser comuns. Explicitaram o poder da palavra.

5. Considerações Finais

Rastros de contradição estão espalhados pelos escritos deixados por aqueles que defenderam a fundação de bibliotecas. Ora propagaram o discurso renovador da *Escola Moderna*, outrora reivindicaram a superação da “ignorância” em função do almejado progresso.

Nos resultados de pesquisa apresentados, houve a tentativa de demonstrar os desdobramentos deste projeto na formação de leitores alagoanos, após a *Era Vargas*. Além de notabilizar a interferência da professora e jornalista *Maria Mariá*, no debate intelectual da década de 1950, fazendo leitura inicial da concepção de formação por ela propagada.

Para a mestra e para outros, é provável que os livros tenham sido como partes internas de *ostras perlíferas*. Organismos incômodos. Externos e internos. Produções de intranquilos para a intranquilidade de solitários pensamentos. Inegavelmente, (trans)formavam.

Estas reflexões mostram-se como o primeiro registro acadêmico da “história de um resgate¹⁵”. Resgate às contribuições da docente interiorana à educação. Por meio de tais breves e conturbadas (pa)lavras, é possível diminuirmos um espaço na lacuna que marca à *História da Educação de Alagoas*, ainda perdida entre *traças* que se multiplicam nos numerosos alfarrábios de arquivos locais.

Considerando o objetivo da análise aqui disposta, espera-se que a produção venha a inspirar posteriores estudos atentos a atuação de mulheres professoras de cidades interioranas, que assim como a personagem apresentada, atentaram a formação de leitores, por meio da fundação de bibliotecas. Que as investigações futuras, nacionais e internacionais, colaborem com a ascensão de pessoas que se mantiveram, por longa data, esquecidas pela historiografia tradicional.

Referências

Alagoas propriedade da casa ramalho (1938). *Alagoas: Mensério Ilustrado*, ago., primeira seção, p. 1. Edição 00001 (2). Recuperado de <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=356905&pasta=ano%2019&pesq=biblioteca%20publica>.

Brandão, I., & Alves, I. (Org.) (2002). *Retratos à margem: antologia de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950)*. Maceió: EDUFAL.

Brasil (1987). *A Educação nas Mensagens Presidenciais (1890 1986)*. 2. Brasília, INEP.

Chartier, R. (1998). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial.

Fausto, B. (2013). *História do Brasil*. (14a ed.), São Paulo: Editora da USP.

¹⁵ Expressão utilizada pelas pesquisadoras *Izabel Brandão* e *Ivia Alves*, na apresentação da obra *Retratos à Margem: Antologia de escritoras das alagoas e Bahia (1900-1950)* (Brandão, 2002). Elas referiam-se as produções literárias da professora alagoana *Rosália Sandoval*, localizadas por meio de pesquisas em acervos nordestinos.

Ferreira, R. V. J. (2014) *Entre leitores, bibliotecas, campos e jardins: Gabriela Mistral e Cecília Meireles em Projetos de Educação Popular México (1920) e Brasil (1930)*. Minas Gerais: Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ginzburg, C. (2007). *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras.

Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras.

Gutemberg, L. (1955). União dos Palmares e o poeta Jorge de Lima. *Jornal Gazeta de Alagoas*, 12 jun.

Lima, J. (2016). Mulher Proletária. In.: Lima, J. *Poemas Negros*. 1. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Alfaguara.

Lima, R. (1950). Tem a palavra o leitor. *Diário de Notícias*, 20 de ago., p. 3. Edição 08537 (1). Recuperado de http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/4613.

Luca, T. R. (2008). Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: Pinsky, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. (2a ed.) São Paulo: Contexto.

Martins, M. V. R. (2014). *Bibliotecas públicas e escolares nos discursos de Cecília Meireles e Armanda Álvaro Alberto: acervos e práticas de leituras*. Perspect. ciênc. inf., Belo Horizonte, 19, 227-241, Dec. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000500017&lng=en&nrm=iso.

Meireles, C. A. (1930). Significação da Literatura na formação do professor: Do “Espírito Victorioso”, these apresentada ao concurso de Literatura da Escola Normal. *Diário de Notícias*, p. 6. Edição 00083. Recuperado de http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/1318.

Mignot, A. C. V. (org.) (2010). *Armanda Alberto*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. Recuperado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4691.pdf>.

Nicolete, J. N., & Almeida, J. S. (2017). Professoras e rainhas do lar: o protagonismo feminino na imprensa periódica (1902-1940). In: *Educar em Revista*, Curitiba, Edição Especial, (2), 203-220, set.

Pesavento, S. J. (2014). Em busca de um método: As estratégias do fazer histórico. In.: Pesavento, S. J. *História e História Cultural*. (3a ed.), Belo Horizonte: Autêntica.

Ramos, G. (1935a). Alguns números relativos à instrução primária em Alagoas. Diário de Pernambuco, Recife, segunda seção, 28 de jun. In.: Salla, T. M. (org.) (2013). *Garranchos: Textos inéditos de Graciliano Ramos*. (2a ed.) Rio de Janeiro: Record, 143-145.

Ramos, G. (1935b). O Romance de Jorge Amado, 17 de fev. In.: Ramos, G. (2005). *Linhas Tortas*. (21a ed.) Rio de Janeiro: Record.

Ramos, G. (1935c). O romance do Nordeste. Diário de Pernambuco, Recife, 10 de mar. In.: Salla, T. M. (org.) (2013). *Garranchos: Textos inéditos de Graciliano Ramos*. (2a ed.) Rio de Janeiro: Record, 138-142.

Ramos, G. (1934). O Romancista do Nordeste. Literatura, Rio de Janeiro, ano 1, nº 18, 20 de jun., 1. In.: Salla, T. M. (org.) (2013). *Garranchos: Textos inéditos de Graciliano Ramos*. (2a ed.) Rio de Janeiro: Record, 133-137.

Ramos, G. (2008). *Vidas Secas*. (78a ed.) Rio de Janeiro: Record.

Sapucaia, A. (1954). Biblioteca Pública (Pilar). *Jornal de Alagoas*, quarta seção.

Sarmiento, M. M. C. (1953a). Decadencia. *Jornal de Alagoas*, segunda seção, 20 set.

Sarmiento, M. M. C. (1956). Grandes esperanças. *Jornal de Alagoas*, quarta seção, 5 ago.

Sarmiento, M. M. C. (1954). Herança de primo pobre. *Jornal de Alagoas*, quarta seção, 23 maio.

Sarmiento, M. M. C. (1955). Jorge de Lima, um velho tema. *Jornal de Alagoas*, quarta seção, 19 jun.

Sarmiento, M. M. C. (1953b). Um velho tema: Brasileiro Sarmiento. *Jornal de Alagoas*, segunda seção, 29 set.

Saviani, D. (2013). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. (4a ed.), São Paulo: Autores Associados.

Sirinelli, J. F. (2003). Os intelectuais. In.: Rémond, René. *Por uma história política*. (2a ed.) Rio de Janeiro: FGV.

Tolstói, L. N. (1974). *Guerra e Paz*. v. 2. Rio de Janeiro: Beta Ltda.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Hebelyanne Pimentel da Silva – 100%